

A saga de Chico Lopes

Rogério L. Furquim Werneck*

Faleceu no Rio, aos 80 anos, Francisco Lafaiete de Pádua Lopes. Bem formado, criativo e talentoso como era, Chico Lopes foi um dos macroeconomistas mais proeminentes do País nas décadas de 80 e 90.

Para mim, nunca deixou de ser o parceiro dileto da memorável aventura que vivemos – Dionísio Dias Carneiro, ele e eu –, ao nos demitirmos da EPGE-FGV, em meados de 1977, para implantar do zero programas de pós-graduação e pesquisa em Economia na PUC-Rio.

Tendo lá permanecido até meados dos anos 80, Chico Lopes teve participação importante no desenvolvimento das ideias inovadoras que mais tarde embasariam o Plano Real. Mas só se juntou à equipe do Real em 1995, já no governo FHC, como diretor do Banco Central, onde teve papel crucial na construção institucional que instaurou, no Copom, um ritual formalizado de condução da política monetária.

Após a reeleição de FHC, ganharam força pressões por uma mudança imediata do regime cambial. O governo se dividira. O ministro da Fazenda e o presidente do Banco Central insistiam que as condições para um abandono ordenado do câmbio fixo ainda não estavam asseguradas. Chico Lopes aliou-se aos que, no Planalto, se batiam por uma desvalorização imediata. E, afinal, foi alçado por FHC à presidência do Banco Central, em substituição a Gustavo Franco, para levar adiante a desvalorização.

Como bem se sabe, o abandono do câmbio fixo logo fugiu ao controle. E deu lugar a um quadro de turbulência que se arrastou por todo o primeiro bimestre de 1999.

Vinte anos depois, com o benefício da visão retrospectiva, Chico Lopes arguiu, na *História Contada do Banco Central*, que, no final das contas, a experiência tinha sido bem-sucedida. “A mudança cambial teve um custo. Mas acho que, se pensarmos bem, saímos do câmbio fixo com um custo baixíssimo. Não houve crise bancária, não houve recessão, a inflação ficou baixíssima.”

Para o País, o custo pode até ter sido baixo. Mas, para o próprio Chico Lopes, os custos foram devastadores. Tendo feito o possível para que sobre ele recaísse toda a culpa da tumultuada desvalorização, o governo deixou-o à mercê da sanha inquisitorial da oposição. E Chico Lopes logo se viu enredado em infundáveis processos judiciais kafkianos que lhe infernizariam a vida por mais de duas décadas.

Foi comovente vê-lo declarar, em abril de 2024, no seminário *O Real na PUC: gênese do Plano Real no Departamento de Economia da PUC-Rio*, que jamais deveria ter saído da universidade. Fez-me lembrar de *The Road Not Taken* de Robert Frost.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.